



## TIRANIAS DO PAI TOTÊMICO NO ROMANCE DA DAGALDINHA

### TYRANNIES OF THE TOTEMIC FATHER IN THE DAGALDINHA BALLAD

Antonio Marcos dos Santos Trindade<sup>1</sup>

**Resumo:** Este artigo estuda as relações entre os gêneros em uma versão do romance *A Silvana*, presente no *Romanceiro Sergipano*. Dagaldinha, nome que a romaneira dá à sua versão, foi coligida de D. Josefa Cruz pelo folclorista Jackson da Silva Lima. O artigo mostra o processo de subalternização do gênero feminino sob a tirania do pai totêmico patriarcal. A abordagem recorre, em sua fundamentação, à psicanálise e à crítica feminista, a qual combate os argumentos psicanalíticos, apontando-os como falocêntricos.

**Palavras-chave:** romance tradicional, incesto, psicanálise, feminismo.

**Abstract:** This article studies the relations between the genres in a version of the ballad *A Silvana*, present in the *Romanceiro Sergipano*. Dagaldinha, name that the singer gives to its version, was collected of D. Josefa Cruz by the folklorist Jackson da Silva Lima. The article shows the process of subalternization of the feminine gender under the tyranny of the patriarchal totemic father. The approach uses, in its foundations, the psychoanalysis and the feminist critique that fights psychoanalytic arguments, pointing them as phallogocentric.

**Keywords:** traditional ballad, incest, psychoanalysis, feminism.

#### Sob a tirania do pai totêmico

Depois de ser seduzida pelo pai, Dagaldinha é punida, sendo afastada de toda a família e aprisionada numa torre. Ao morrer de sede e de fome, é levada para o céu pelos anjos, enquanto seu pai, que também morre, é levado para o inferno. Dos romances tradicionais ibéricos, *A Silvana* - Dagaldinha na versão de D. Josefa Cruz<sup>2</sup> - é um dos mais populares. Segundo Jackson da Silva Lima, “É surpreendente, para não

<sup>1</sup> Mestre em Estudos Literários pela Universidade Federal de Sergipe, UFS, e professor de Educação Básica da Rede Estadual de Ensino, SEED. Email: antonio.marcostrindade@gmail.com

<sup>2</sup> Essa versão do romance foi coligida de D. Josefa Cruz pelo folclorista Jackson da Silva Lima na Barra dos Coqueiros/SE, em 10-10-1971, e consta de seu livro *O Folclore em Sergipe, 1: Romanceiro* (1977).

dizer escandalosa, a popularidade de “A Silvana” através dos séculos [...]” (LIMA, 1977: p. 61).

O folclorista fala, então, do caráter “escabroso” do assunto tratado pelo romance, o incesto, e informa que casos reais de estupros paternos, ocorridos em Aracaju, ainda costumam acontecer atualmente. Câmara Cascudo, que também considera o enredo do romance “repugnante”, explica que o tema do amor incestuoso, “constituiu motivo folclórico universal. O romance da ‘Delgadinha’ será apenas um dos ramos mais vistosos dessa literatura, [...]” (1984b: p. 217). E Almeida Garrett, que considera o assunto do romance “feito e desnatural”, mas se inspira nele para compor seu, como ele chamava “romancinho” de 1828, *Adozinda*, oferece a seguinte explicação para a sua popularidade entre a gente do povo: “O coração áspero e cru, os sentimentos duros dos povos semibárbaros precisam d’esses violentos estímulos para vibrar (...)” (1904: p. 97).

Ao analisar a relação entre os gêneros, na versão de D. Josefa Cruz do romance, pretendemos mostrar que a universalidade desse poema, no espaço, e a persistência dele no tempo, persistência essa comprovada pela facilidade com que se podem encontrar versões dele na memória popular, radica em questões muito mais complexas do que simplesmente a inclinação dos “povos semibárbaros” para “violentos estímulos”. A análise do romance, a partir da crítica feminista, em seu conflitivo diálogo com os estudos psicanalíticos - estudos os quais se fazem incontornáveis, em se tratando especificamente da análise desse romance, como bem notam Jackson da Silva Lima (1977: p. 61) e Câmara Cascudo (1984a: p. 240) -, nos permitirá perceber que a complexidade, apresentada pelo enredo da narrativa, nas relações entre os personagens, é muito mais profunda e aponta para além do próprio assunto incesto.

Começemos, portanto, por uma breve análise formal da versão de D. Josefa, quanto à rima, ao metro e à estrofação. Esse momento inicial do artigo corresponde ao estudo do aspecto musical do poema, segundo ensina Ezra Pound (2002: p. 23-50). Após ele, seguiremos para o estudo das imagens em movimento no texto. Terminadas essas duas etapas, poderemos, então, seguir para o estudo do aspecto intelectual do romance. Ou seja, poderemos partir para as “associações” (2002: p. 63). Nesse momento final da análise, procurar-se-á estabelecer uma relação entre o estudo musical das palavras do poema, o estudo das imagens projetadas por ele e o estudo do motivo intelectual, subjacente às

imagens. No caso da versão Dagaldinha, de D. Josefa Cruz, tal motivo, claro está, é o incesto.

A versão de D. Josefa Cruz apresenta-se toda em versos heptassílabos, as redondilhas maiores, e se constitui de treze estrofes. Dessas, apenas uma, a quarta, é sextilha, (estância de seis versos), as doze restantes são todas quadras, ou quartetos, (estâncias de quatro versos).

O poema se estrutura sobretudo na rima –ada, que comparece predominantemente nos versos pares, segundo o esquema A-B-C-B-D-B-E-B. Esse esquema, entretanto, não é rígido, aparecendo a rima, por vezes, entre versos deslocados. Predominam rimas toantes, aparecendo apenas uma consoante, entre os versos 2 e 4, “respeitada-namorada” (p. 68). Quanto à qualidade, são rimas pobres, ou seja, feitas entre palavras de mesma classe gramatical, havendo apenas uma rica, isto é, feita entre palavras de classe gramatical diferente, entre as palavras “respeitada-namorada”, nos mesmos versos 2 e 4, “Das moças mais *respeitada*” e “Pra ser sua *namorada*” (p. 68).

Chama atenção a insistente repetição do diminutivo expressivo, nas palavras “irmãozinhos”, “irmãzinha”, “mãezinha” e “namoradinha”, nos versos 19, 21, 27, 29, 35, 37 e 50, “\_Avistei meus irmãozinhos,” (v.19, p. 68); “Deus te salva, meus irmãozinhos” (v. 21, *ibid.*); “\_Avistei minha irmãzinha,” (v. 27, p. 69); “Deus te salve, minha irmãzinha,” (v. 29, *ibid.*); “\_Avistei minha mãezinha,” (v. 35, *ibid.*); “Deus te salve, minha mãezinha,” (v. 37, *ibid.*) e “Ela é minha namoradinha” (v. 50, *ibid.*).

Tal uso do diminutivo se reveste de valor semântico, quando percebemos que ele está operando uma separação importante para a análise, qual seja: a colocação dos integrantes da família, mãe, irmãos e irmã, de um lado; e o “pai rei”, não tratado com o diminutivo, de outro. O uso pelo pai rei do diminutivo “namoradinha” (p. 69), também se reveste de valor semântico, na interpretação que se anuncia.

Feita essa descrição formal - nunca gratuita em se tratando de um texto poético, pois que esses dados serão retomados para a síntese final da análise, que corresponde à interpretação de seu “significado”, segundo nos ensina Antonio Cândido (1993: p. 78) -, passemos agora a verificar como se dão as relações entre os gêneros masculino e feminino, na diegese da versão em pauta. Essa etapa da análise constitui, como se vê, o ingresso no estudo da projeção das imagens em movimento no poema.

Na primeira estrofe, ouvimos um narrador anunciar, resumindo a diegese, a estória da personagem central, Dagaldinha. Esse narrador nos faz saber que essa “moça”, “Das moças mais respeitada” (p. 68), foi seduzida pelo próprio pai<sup>3</sup>.

Na segunda estrofe, ouvimos a própria personagem, dramaticamente, recusando a indecorosa proposta paterna, “Deus me livre, meu paizinho, / Paizinho de minha alma, / Deus me livre, meu paizinho, / De ser sua namorada” (p. 68). Observe-se que, aí, Dagaldinha trata o pai usando o diminutivo duas vezes. Esse dado é importante, quando lembramos que adiante, quando ela vier a pedir água ao pai, ela o chamará “pai rei” e não “paizinho”.

Na terceira estrofe, o pai rei toma a palavra para informar à esposa, contrariamente ao que fora dito pela própria Dagaldinha na estrofe anterior, que ela lhe teria prometido ser sua namorada, “\_minha velha, você não sabe /O que se deu em nossa casa, /Dagaldinha prometeu /De ser minha namorada” (p. 68). Todavia, pelo que acontece na estrofe seguinte, em que o pai rei manda aprisioná-la em uma torre alta, castigando-a de fome e de sede, percebemos que o que ele informou à esposa sobre a promessa de Dagaldinha era mentira, pois, caso não fosse assim, por que ele a teria castigado dessa forma?

O castigo a Dagaldinha se explica, portanto, pela sua recusa à proposta incestuosa do pai. O que lhe vale ficar “sete anos e um dia” (p. 69) presa numa torre alta, padecendo fome e sede, pois que, durante esse tempo, seu alimento fora “sardinha assada” (p. 68) e a quantidade de água que recebia era “Cada mês um dedal d’água” (Ibid.).

Assim, na quinta, sétima, nona e décima primeira estrofes, ouviremos as súplicas dolorosas de Dagaldinha, respectivamente, aos seus irmãos, à sua irmã, à sua mãe e, finalmente, ao seu pai. Na sexta, oitava, décima e décima segunda estrofes, aparecem as respostas dadas pelos irmãos, pela irmã, pela mãe e pelo pai, nessa ordem. A décima terceira estrofe arremata a estória com o retorno da voz narradora, que nos conta do fim simbólico da narrativa.

Observemos agora as respostas dadas pelos membros da família às súplicas desesperadas de Dagaldinha por um pouco de água. Os

---

<sup>3</sup> Não consideramos solecismo de concordância o que houve no verso “Das moças mais respeitada”. Em vez de solecismo, acreditamos haver aí uma figura de construção, a *silepse*, a concordância com a ideia. Segundo essa interpretação, nesse verso haveria então a concordância com a ideia “moça”, e não com a expressão “das moças”. (TAVARES, 1991: p. 342).

irmãos se recusam a lhe dar água, acusando-a de ter sido motivo de separação entre o pai e a mãe, “\_Como é que te dou água, / Irmã minha renegada, / Faz sete anos e um dia / que traz mamãe descasada” (p. 68-69).

A irmã, por sua vez, não a acusa. Por outro lado, infelizmente, também não a ajuda, alegando que o pai viajou e levou a chave, “\_Como é que te dou água, / Irmã de meu coração, / Que papai fez uma viagem, / Levou a chave na mão” (p. 69).

A mãe, todavia, mostra-se furiosa com a filha desejada. Ela a renega, acusando-a de ter desrespeitado tanto a ela, sua própria mãe, como a seus irmãos, “\_Como é que te dou água, / Filha minha renegada, / Fizeste de mim cachorra, / De teus irmãos enteados” (p. 69).

Por fim, temos a resposta do pai rei. Este atende ao pedido de Dagaldinha, convocando os criados a que lhe levem imediatamente água. Depois de saciada a sua sede, ele diz que ela finalmente será sua “namoradinha”, “\_Corre, corre, meus criados, / Vai dar água a Dagaldinha, / Depois da água bebida / Ela é minha namoradinha” (p. 69).

É interessante observarmos que, nesse diminutivo, “namoradinha”, temos não apenas a palavra que sintetiza todo o drama da personagem, como também mais um indício de que o pai está indo contra a vontade da filha, pois que, ao tratar, ao dirigir-lhes a súplica, os demais membros da família, mãe, irmãos e irmã, usando o diminutivo e não o usando, ao suplicar ao pai, antes o tratando com o respeitoso “pai rei”, o qual deixa claro o desejo de afastamento, Dagaldinha parece estar querendo mostrar que o pai é uma autoridade *tabu*, dentro desse grupo familiar, com quem ela jamais poderia “namorar”. Ele, o pai, ao contrário, ao usar o diminutivo “namoradinha”, parece estar querendo demonstrar desejo de intimidade e de aproximação sexual.

Tal conclusão se confirma na última estrofe, em que a voz narradora nos informa do desfecho trágico da estória: morre Dagaldinha e morre seu pai rei, que a desejava e a levou à morte por causa desse desejo incontido, “O caixão de Dagaldinha / Sete anjos carregou, / E o caixão do senhor rei / O diabo arrebatou” (p. 69). Fortemente simbólico, tal desfecho encaminha a interpretação para a condenação do pai rei e para a santificação de Dagaldinha.

Estamos vendo que as relações entre os gêneros masculino e feminino, na versão Dagaldinha, se dão numa atmosfera de medo do poder autoritário paterno. Embora a personagem Dagaldinha seja a

protagonista – lembremos que “protagonista” vem do grego protagonistés, em que “proto” significa primeiro, mais “agonista”, que significa aquele ou aquela que luta (BRANDÃO, 1985: p. 43) -, percebe-se na diegese dessa versão que a submissão, a esse poder autoritário paterno, se estende às demais personagens femininas, mãe e irmã. Inclusive, deve-se ressaltar que, além de mostrar submissão às ordens do marido rei, a personagem “esposa/mãe” mantém, para com Dagaldinha, um relação de rivalidade e de ódio, por ela lhe ter roubado o marido, “\_Como é que te dou água, / Filha minha renegada, / Fizeste de mim cachorra, / De teus irmãos enteados” (p. 69).

Quer dizer, a mãe fica do lado do esposo incestuoso, seja por medo dele, seja por acreditar no que ele havia lhe dito: que fora Dagaldinha quem prometera ser sua namorada (p. 68), seja pelas duas coisas. Observe-se, também, que os outros personagens masculinos, os irmãos de Dagaldinha, igualmente a condenam, ficando, da mesma forma que a mãe, do lado paterno.

Feita, portanto, a constatação de como se dão as relações entre os gêneros masculino e feminino nessa versão do romance *A Silvana*, comecemos agora a interpretar a diegese, segundo a orientação poundiana que estamos seguindo, fazendo considerações que relacionem as imagens do poema a informações extratextuais que nos ajudem a entender o motivo central da estória. Para tanto, vale repetir que estamos diante da versão de um poema cujo tema, como lembra Câmara Cascudo, “É um tema universal e está em todas as literaturas do Mundo” (1984a: p. 240).

Além de universal no espaço, o motivo central do romance, e de sua versão Dagaldinha, recua no tempo não apenas até a Idade Média, quando se supõe que o romance tenha surgido, ainda segundo Câmara Cascudo (1984b: p. 218), mas até tempos míticos. Jackson da Silva Lima lembra que Almeida Garrett, ao discutir a antiguidade do motivo, aponta sua origem no mito de Mirra: “Para Garrett, [...], ‘era nada menos que uma nova Mirra, ou antes o inverso da trágica, interessante, mas abominosa história da mitologia grega; é um pai namorado de sua própria filha: \_ A filha jovem, virtuosa, santa enfim’ ” (1977: p. 61). Ao dizer “antes o inverso” da estória de *A Silvana*, Garrett está se referindo ao fato de, no mito de Mirra ou Esmirna, ser a filha quem se apaixona pelo pai e não este por ela.

Além de na mitologia e literatura gregas, encontramos o motivo do incesto também na *Bíblia*, no Velho Testamento, como nos faz saber

o professor José Raimundo Galvão, “Ilustrando este motivo, pode-se ler a história de Tamar, violentada pelo seu meio-irmão Amnon (2 Sm 13)” (2010: p. 121). Porém, quando se fala do assunto “incesto”, o mito grego que salta aos olhos não é o de Mirra/Esmirna, mas sim o de Édipo. Como se sabe, esse mito se destacou dos demais, em termos de popularidade, devido aos estudos de Sigmund Freud, que deram origem à psicanálise, tanto como teoria da cultura, quanto como prática clínica.

### Pressupostos psicanalíticos x contrapontos feministas

Começemos, então, vendo como a psicanálise aborda a questão. Segundo Jacqueline de Oliveira Moreira, o complexo de Édipo formulado por Freud, em 1910, é “não somente o ‘complexo nuclear’ das neuroses, mas também o *ponto decisivo da sexualidade humana*, ou melhor, do processo de produção da sexuação” (MOREIRA, 2004: p. 219 – grifo nosso). Essa autora vê o processo de teorização sobre o Édipo, em Freud, em quatro movimentos.

Um: o Édipo na teoria dos sonhos. Dois: o Édipo no interior da problemática do Pai Totêmico. Três: o mecanismo de identificação no Édipo. E quatro: Édipo e complexo de castração. Moreira frisa que esses quatro movimentos não se dão linearmente no tempo, mas dentro de um “processo tortuoso que, em alguns momentos, parece enquadrar-se numa lógica linear e, em outros, aparece na figura do *après-coup*, da posterioridade (*Nachträglichkeit*)” (2004: p. 219).

À análise em curso, interessam sobretudo as reflexões que a autora faz sobre o segundo movimento, o “Édipo no interior da problemática do Pai Totêmico”. Aí, ela explica que, diferentemente do primeiro movimento, centrado no sonho, agora nos encontramos, não no âmbito clínico, mas no âmbito da Antropologia Cultural, “O texto de *Totem e Tabu* é resultado de uma pesquisa bibliográfica sobre Antropologia Cultural, (...), dedicando uma longa passagem à questão do horror ao incesto (...)” (2004: p. 221).

Nesse livro, *Totem e Tabu* (1913), segundo Moreira, Freud mostra, valendo-se de Darwin, Frazer e William Robertson Smith e influenciado por Wundt e Jung, que o pai, na relação triangular entre pai, mãe e filhos, corresponde, durante o processo formativo em que se constitui o “Complexo de Édipo”, na figura temida do *Pai Totêmico*, aquele que, por ser a encarnação da lei e da autoridade, é sagrado. O

totem é geralmente um animal demarcador dos direitos e deveres entre as hordas primitivas, e será do totemismo que surgirá a exogamia, “O Tabu é proveniente do totem e expressa o sagrado, o proibido” (2004: p. 222).

Portanto, Freud irá concluir, em suas tortuosas reflexões sobre a origem da moralidade, da religião, da sociedade e da arte, que todas elas, em sua origem, convergem para o complexo de Édipo. Freud, como se sabe, autoanalisando-se, percebe nele mesmo o desejo incestuoso pela própria filha Mathilde, a mais velha (2004: p. 220). E é na análise do sonho com ela que ele percebe o erro da tese de Westermack, de que o horror ao incesto constitui uma aversão inata. As interpretações que vão surgindo ao longo do tempo e as pesquisas incansáveis que faz na bibliografia antropológica especializada só confirmam a desconfiança de Freud, quanto ao fato de, ao contrário do que defende Westermack, os desejos sexuais na infância serem “invariavelmente de caráter incestuoso” (2004: p. 222).

Assim, o horror ao incesto é, segundo as conclusões de Freud, a origem da moralidade, da religião, da sociedade e da arte. É, enfim “o ponto nodal da criação da civilização humana” (2004: p. 221).

Vejamos agora como a crítica feminista, preocupada com as questões de gênero, se relaciona com essa abordagem. Com efeito, uma das qualidades da crítica feminista é justamente a de submeter os discursos epistemológicos das teorias científicas consagradas, marxismo, psicanálise, existencialismo, a revisões que problematizem seus conceitos, relacionando-os à questão de gênero.

Andrea Nye (1995) mostra como a crítica feminista se relacionou com essas teorias científicas de forma tensa, posicionando-se sempre de forma contestatória. No que tange à psicanálise, a autora mostra a indignação que alguns conceitos freudianos, como “inveja do pênis”, “medo de castração” e “complexo de Édipo”, causaram em feministas como Juliet Mitchell, Betty Freidan e Kate Milliett.

Essas autoras, na esteira de Simone de Beauvoir, rejeitam as explicações freudianas da formação da subjetividade, por não verem contempladas nelas as questões sociais inerentes à ordem patriarcal, responsáveis por manter o gênero feminino sempre numa posição de subalternidade, culpabilidade e insubstancialidade, em sua relação com o gênero masculino. Conforme Nye, “Essa espécie de cura (o método psicanalítico) teria de ser rejeitada por teóricas como Freidan para quem



o problema não estava no eu feminino, mas naquilo contra o que o eu deve se rebelar, isto é, a família patriarcal” (1995: p. 147).

Kate Milliett, fazendo eco a Betty Freidan, chega mesmo a dizer que “O medo da castração é o medo racional realista de estupro numa sociedade patriarcal; inveja do pênis é o desejo do privilégio masculino” (1995: 147-148). Antes dela, Karen Horney já havia declarado, inclusive levando Freud a reconsiderar o problema da feminilidade em sua obra, que, embora a “inveja do pênis” possa existir, não é ela o fator determinante no desenvolvimento psíquico da menina. O fator determinante, segundo Horney, é o fator social da posição e autoridade superior do homem: “O medo da castração nas mulheres é um medo realista de um perigo real (In: NYE, 1995: p. 153).

Todavia, são principalmente Julia Kristeva e Luce Irigaray as responsáveis por um diálogo mais “conciliatório”, embora sempre instável e problemático, com a psicanálise. Essas autoras retomam o tenso diálogo com Freud a partir das investigações de Jacques Lacan. Como se sabe, o psicanalista francês desloca o problema da constituição da subjetividade, no complexo de Édipo, do terreno da biologia para o da linguagem, “A diferença sexual está embutida na linguagem, no pensamento e, portanto, na cultura” (1995: 169).

As conclusões de Lacan serão mais problemáticas ainda que as de Freud, para essas feministas, uma vez que, se as coisas funcionam realmente como ele mostra – a origem da formação da subjetividade encontrando-se na linguagem -, não resta à mulher muitas possibilidades de alteração de sua condição sociocultural, pois que, não possuindo o falo - o significante dominante, símbolo do pai -, então, de fato, “a mulher não existe”. Julia Kristeva postulou, a partir dessas constatações lacanianas, que realmente não há “especificidade feminina, nenhuma essência feminina, nenhum matriarcado antigo” (1995: p. 177).

Dessa forma, ela sugere que as mulheres atuem “dentro” dos sistemas simbólicos existentes, encontrando um lugar na hierarquia patriarcal. Não é ainda, como se vê, um pensamento feminista radical, “As mulheres devem conseguir respeitabilidade ingressando no pensamento patriarcal e dominando-o, porque não há outro, mas ao mesmo tempo devem exibir esse pensamento” (1995: p. 178).

Mais radical que Julia Kristeva, Luce Irigaray critica fortemente as teorias de Lacan, apontando-as como falocêntricas. Enquanto analista lacaniana, ela chegou mesmo a ser punida com o cancelamento de um seminário que faria, na faculdade do departamento de Lacan em

Vincennes, por causa da publicação de seu livro *Speculum of the other woman* (1995: p. 200, nota 73).

Com efeito, ela postula que “as mulheres devem abandonar as fúteis tentativas de negociar no mundo do homem” (1995: p. 183). Essa postura radical é fruto de sua constatação de que é preciso aprender a pensar “fora do simbólico masculino” laciano (1995: p. 182). A mulher sobretudo, ela frisa, deve encontrar formas de se libertar das prisões teóricas falocêntricas e aprender a conhecer-se, enquanto uma subjetividade autônoma, que se pensa à luz de sua singularidade sexual e existencial, e não a partir da razão masculina.

Voltemos, agora, à análise literária da versão de D. Josefa Cruz, Dagaldinha, e retomemos a décima estrofe, “\_Como é que te dou água, / Filha minha renegada, / Fizeste de mim cachorra, / De teus irmãos enteados” (LIMA, 1977: p. 69).

Para entendermos o que está por detrás dessas imagens, ou seja, para entendermos sua logopeia, ou jogo de “associações”, segundo Pound (2002: p. 63), convém atentarmos às considerações feitas por Andrea Nye, sobre o relacionamento íntimo entre mãe e filha, na relação triangular edípica, a partir da perspectiva de outras feministas, a saber: Jane Flax, Christine Olivier e Nancy Chodorow. A menina, segundo Jane Flax, encontra-se em desvantagem, no desenvolvimento da identidade de gênero, já a partir das experiências pré-verbais e não-rationais.

Para Freud, a menina jamais escapa de seu apego primário à mãe e esse apego permanece, em sua vida adulta, marcado por um sentimento ambivalente de amor e ódio. Jane Flax concorda com Freud nesse ponto, porém observando que “O que se acha subjacente ao processo que resulta na falta de identidade feminina é a *estrutura da família* (1995: p. 155 – grifo nosso). Ela explica, então, que, estando a menina, na família tradicional nuclear, sempre aos cuidados da mãe, numa relação simbiótica da qual o pai não faz parte, são vedados a ela a racionalização e o êxito característicos do pai, “Devido a essa cisão, as meninas crescem para serem mulheres dependentes, e os meninos para serem desdenhosos da mulher” (1995: p. 155-156).

Diferentemente de Jane Flax, Christine Olivier argumenta que a questão não se reduz apenas à relação simbiótica mãe/filha, enredadas numa afeição ambivalente e aprisionadora. Ela explica que efetivamente a mãe trata de forma diferente o menino, mantendo com ele uma “espécie de relação amorosa da qual a menina está sempre excluída. [...]

O resultado é que a menina se sente alienada, distante, rejeitada” (1995: p. 156).

Nancy Chodorow, por sua vez, mostra que o estabelecimento das fronteiras do ego se firmam no relacionamento com a mãe. Ela critica, então, a hipótese freudiana da inveja do pênis como uma explicação incompleta do desenvolvimento psíquico, por não ter explorado suficientemente o estágio pré-edípico. Se tivesse explorado mais esse estágio em suas investigações, Freud teria, segundo Chodorow, percebido que “a *identidade nuclear masculina*, e não a feminina, é conflituosa” (1995: p. 157 – grifo nosso).

Ou seja, é o menino quem, identificado com a mãe no estágio não-verbal, deverá lutar para afastar-se dessa feminilidade, em seu desenvolvimento psíquico. Ele, e não a menina, é que revela uma identidade insubstancial, conforme Chodorow. Portanto, ele deverá trabalhar duro para aprender a não ser feminino, formando assim sua identidade. Essa seria a explicação negligenciada, de acordo com a autora, na hipótese freudiana da inveja do pênis. A feminista alega que, depois de uma reação masculina que “(...) fez rígidas divisões entre masculino e feminino e que desvalorizou tudo o que é feminino, inclusive a maternação, a genitália feminina e os símbolos femininos, é que se torna compreensível a inveja do pênis” (NYE, 1995: p. 158).

Dentro desse quadro, os conflitos entre mãe e filha decorrem de a menina perceber a necessidade de ter que afastar-se da feminilidade da mãe - apesar de a mãe ser seu objeto de afeição -, devido à percepção de que essa feminilidade é desvalorizada socialmente. Assim, ela deve dirigir-se à masculinidade do pai, reconhecida como socialmente superior, em relação à feminilidade materna.

Apesar de apresentarem diferentes abordagens da ambivalente relação mãe e filha, dentro do triângulo edípico, as três autoras propõem, como solução à situação de inferioridade feminina, reformas radicais nos modos de relacionar-se dos pais com os filhos, no seio da família patriarcal. Mais participação dos homens na educação dos filhos, nos cuidados com os bebês e na ajuda aos serviços domésticos, limpeza da casa, preparação das refeições etc. Isso tudo ajudaria muito e seria um grande passo, para o fim do sexismo em nossa cultura, “Se como Freud mostrou, a família patriarcal produz homens e mulheres cuja identidade nuclear deve ser instável ou destrutiva, nesse caso a família deve ser transformada” (1995: p. 160-161).

Aliás, a explicação de Freud, em *Totem e tabu*, sobre a origem da família patriarcal, através do assassinato do pai pelos filhos, na horda primeva, para a refeição totêmica, depois da qual a lei do pai é introjetada pelos filhos<sup>4</sup>, não contempla a mulher. Segundo Andrea Nye, “As mulheres não são participantes deste drama. Raramente são mencionadas na exposição de Freud” (1995: p. 164). A autora, então, inverte o argumento de Freud, sobre a condição de inferioridade da mulher na origem da família patriarcal, e mostra que aí a mulher é que é “o valor”: “As mulheres é que são um valor, ou melhor, o valor, cuja troca estabelece relações sociais. (...)” (NYE, 1995: p. 164 – grifo da autora).

Opinião semelhante tem a escritora, cientista e líder feminista brasileira Rose Marie Muraro. Em seu livro *A mulher no terceiro milênio* (1995: p. 61-78), a autora lança, sobre a origem do patriarcado, um olhar crítico iluminador. No surgimento das primeiras sociedades pastoris e agrárias, ela vê a origem do patriarcado e, no livro bíblico *Gênese*, o mito fundador patriarcal: “De um só golpe, o *Gênese* rejeita a mulher (o corpo) como causa de todo pecado e santifica o trabalho pesado (“e comerás o pão com o suor do teu rosto”) (MURARO, 1995: p. 73).

Muraro chama a atenção, na discussão sobre o problema (para ela um falso problema), da existência ou inexistência do matriarcado, pontuando que não se trata de saber se o matriarcado existiu ou não, antes do surgimento dessas primeiras sociedades agrárias. Tal como a questão é colocada, de acordo com ela, não se encontram realmente vestígios de civilizações matriarcais.

Porém, é essa maneira de colocar a questão que, consoante a feminista brasileira, está errada nas pesquisas. O matriarcado, a autora insiste, é abordado aí como uma possibilidade de organização social estruturada de forma semelhante à dominação masculina do patriarcado, com a diferença de que, no matriarcado, tal poder seria desempenhado por mulheres: “(...) mas, como já vimos, a noção de matriarcado nada mais é do que uma projeção masculina sobre uma estrutura de poder muito diferente da atual” (1995: p. 62).

A escritora faz, então, uma retrospectiva da história do patriarcado, ao longo dos últimos dez mil anos de história, e vê a

---

<sup>4</sup> Segundo Andrea Nye, Freud também encontrou o mesmo assassinato mítico do pai na tradição judaico-cristã, em *Moses and monotheism*. Nesse livro, ele argumenta que Moisés era egípcio e não judeu, seguidor de Aton, o deus monoteísta egípcio, que foi morto depois que tirou os judeus do Egito. À luz de sua interpretação, Freud vê o drama da crucificação de Cristo como fornecendo, então, uma resolução mítica da culpa, através da morte sacrificial de um dos filhos (NYE, 1995: p. 197, nota 34).

possibilidade do surgimento de uma era pós-patriarcal, marcada, não mais pelos velhos valores masculinos, centrados na competitividade, na guerra e na dominação, mas por novos valores, valores mais femininos, voltados para a solidariedade, a paz e a cooperação. Em tal contexto, segundo a autora, o homem deverá voltar-se mais para o domínio do privado, ajudando as mulheres nos afazeres domésticos, nos cuidados com os filhos etc. Caso isso não aconteça, as perspectivas para o futuro, conforme Muraro, não são nada animadoras: “(...), em cerca de dez-quinze anos chegaremos ao ponto de não-retorno (1995: p. 181).

## Conclusão

Esperamos ter mostrado, depois dessa incursão pelos estudos psicanalíticos e pelas críticas feministas a eles, como a versão de D. Josefa Cruz, Dagaldinha, em sua estrutura diegética, comporta um motivo temático não apenas primitivo e universal, mas igualmente atual. O romance *A Silvana* do qual a versão Dagaldinha é uma sobrevivência na memória popular, de um poema, provavelmente, surgido na Península Ibérica durante a Idade Média, ou pouco tempo depois, segundo Jackson da Silva Lima (1977: p. 61-68), coloca em primeiro plano, não apenas a questão do incesto - como a fortuna crítica romancística costuma dizer -, mas sobretudo faz saber o estado de extrema tensão em que vivem as personagens femininas na família patriarcal, como se procurou mostrar.

Ou seja, o motivo temático da versão de D. Josefa Cruz, Dagaldinha, é uma reminiscência do registro poético de um drama cultural milenar, a saber: as relações entre os gêneros masculino e feminino, de um lado; mas também, de outro, as relações entre o gênero masculino com o masculino entre si, da mesma forma que entre o gênero feminino com o feminino, entre si, dentro da família patriarcal - conjugal, monogâmica e nuclear.

Drama atual porque o drama que retrata ainda não está de todo superado no mundo, mesmo na contemporaneidade. Quando a voz narradora resume o drama de Dagaldinha, na versão de D. Josefa - uma versão simples, como se mostrou, porém muito bem estruturada em sua urdidura e dramaticidade - ela não está falando de algo que acontece apenas nos tempos arcaicos ou em tribos primitivas, “\_Dagaldinha era uma moça, / Das moças mais respeitada; /Seu pai lhe seduzia / Pra ser sua namorada” (p. 68). Como mostra Muraro, infelizmente isso continua

a acontecer até os dias atuais: “Na Delegacia de Mulheres de São Paulo, 80% dos estupros são incestos cometidos por pais ou irmãos das jovens que se queixam. E esse número vem sendo encontrado não só no Brasil como em muitos países, (...)” (1995: p. 21).

Após a análise literária que acabamos de fazer, verificamos que as suspeitas de Jackson da Silva Lima estavam corretas, quanto à capacidade reveladora de uma abordagem psicanalítica do romance em apreço: “Fato esse (a abundância de versões e variantes encontradas do romance) que bem merece uma análise em profundidade, um estudo psicanalítico até, (...)” (1977: p. 61).

De fato, a observação do folclorista sergipano de que o romance constitui tabu até para os “contingentes mais humildes, mesmo entre aqueles que o narram ou escutam” (1977: p. 61), torna-se mais compreensível agora, depois da análise feita. Ou seja, agora podemos entender melhor por que as pessoas se constroem diante de tal romance.

Trata-se de um problema cultural profundo que não se restringe apenas à questão do incesto, embora esse seja o motivo mais visível. Como se mostrou na análise, recorrendo-se à crítica feminista em seu diálogo tenso com a psicanálise, mais do que isso, trata-se, todavia, do problema da família patriarcal e, nela, da temida figura do pai totêmico, dominador absoluto no interior do espaço familiar.

Esse personagem, o *pai rei* (p. 69), é que parece ser a imagem que está por trás do medo inconsciente que tanto atemoriza os “contingentes mais humildes”. Com efeito, a condenação desse pai rei e a santificação final de Dagaldinha, no desfecho do poema, está justamente apontando para essa interpretação, “O caixão de Dagaldinha / Sete anjos carregou, / E o caixão do senhor rei / O diabo arrebatou” (p. 69).

Para finalizar, podemos dizer que o que importa reter, da análise feita, é que as questões sociais e culturais abordadas pelo romance *A Silvana*, a partir de sua versão Dagaldinha, radicam, como foi dito antes, em tempos muito mais remotos do que a Idade Média. Na verdade, essas questões recuam a tempos arcaicos, na aurora de nossa formação cultural, a qual deita raízes na origem do patriarcado. Contudo, devido à sobrevivência de valores patriarcais mesmo em nossos dias pós-modernos, essas questões permanecem, infelizmente, ao mesmo tempo anacrônicas e atuais, demandando um difícil processo de educação do patriarcado, ao modo do *Bildungsroman*, conforme o vemos no *Ulisses*, de Joyce (1922).

## Referências

BRANDÃO, Junito de Souza. **Teatro grego: tragédia e comédia**. Petrópolis: Vozes, 1985.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Vaqueiros e Cantadores**. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. Da Universidade de São Paulo, 1984a.

\_\_\_\_\_. **Literatura Oral no Brasil**. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. Da Universidade de São Paulo, 1984b.

CANDIDO, Antonio. **Na sala de aula – caderno de análise literária**. São Paulo: Ática, 1993.

FREUD, Sigmund. **Totem e tabu e outros trabalhos (1913-1914)**. Coleção Obras Completas de Sigmund Freud. Vol. XIII. Rio de Janeiro: Imago Ed., 2006.

GALVÃO, José Raimundo. **Linhas Cruzadas**. São Cristóvão: Editora UFS, 2010.

GARRETT, Almeida. **Obras completas de Almeida Garrett, volume I: Romances da tradição oral**. Lisboa: Empresa da História de Portugal Sociedade Editora, 1904.

JOYCE, James. **Ulisses**. Tradução de Antônio Houaiss. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

LIMA, Jackson da Silva. **O Folclore em Sergipe, I: Romanceiro**. Rio de Janeiro, Cátedra; Brasília, INL, 1977.

MOREIRA, Jacqueline de Oliveira. Édipo em Freud: o movimento de uma teoria. **Psicologia em Estudo, Maringá**, v. 9, n. 2, p. 219-227, mai./ago. 2004. Disponível em: [www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-73722004000200008&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-73722004000200008&script=sci_arttext). Acesso em: 05/10/2014.

MURARO, Rose Marie. **A mulher no terceiro milênio: uma história da mulher através dos tempos e suas perspectivas para o futuro**. Rio de Janeiro, Record: Rosa dos Tempos, 1995.

NYE, Andrea. **Teoria feminista e as filosofias do homem**. Tradução de Nathanael C. Caixeiro. Rio de Janeiro, Record: Rosa dos Tempos, 1995.

POUND, Ezra. **ABC da Literatura**. Tradução de Augusto de Campos e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 2002.

**Recebido:** 30/06/2017

**Aprovado:** 10/08/2017